

6. Discipulando os “Comuns” (1º. Trimestre de 2014—Discipulado)

Material bíblico: Lc. 2:21–28, Mt. 15:32–39; Mt. 16:13–17; Mc. 1:16-18; Lc. 12:6, 7; 13:1–5; Tg. 2:1–9.

Citações

- O "show business" que está tão incorporado a nossa visão da obra cristã de hoje, fez com que nos desviemos para longe da concepção do Nosso Senhor quanto ao discipulado. Isso nos faz pensar que temos que fazer coisas excepcionais para Deus; nós não temos. Temos que ser excepcionais em coisas comuns, para sermos santos em ruas ruins, entre as pessoas ruins, cercados por pecadores sórdidos. Isso não se aprende em cinco minutos. *Oswald Chambers*
- Felizmente, Deus criou pessoas de todas as variedades com grande variedade de interesses e habilidades. Ele chamou pessoas de todas as raças e cores que foram feridos pela vida de todas as maneiras imagináveis. Até mesmo as cicatrizes de abuso e lesão do passado podem ser um meio de trazer a cura para o próximo. Que oportunidades maravilhosas para fazer discípulos! *Charles R. Swindoll*
- Não existem atalhos para a maturidade no discipulado; foi, é, e sempre vai ser aprendido ao longo do tempo e sob pressão, andando junto com Cristo. *R. Alan Woods*
- Muitas pessoas vêm à igreja com um desejo genuíno de ouvir o que temos a dizer, mas estão sempre indo de volta para casa com a sensação desconfortável de que estamos fazendo com que seja muito difícil para que eles venham para Jesus. *Dietrich Bonhoeffer*

Perguntas

Por que temos a tendência de ignorar “o comum”? O que as palavras e ações de Jesus nos dizem sobre sua atitude para com as pessoas comuns? O que o chamado que Jesus fez a Pedro e aos pescadores nos diz? É verdade que os cristãos vivem em uma sociedade “sem divisão de classes”? Como nos sentimos quando nos consideramos “comuns”? Como podemos representar a Deus de forma correta?

Resumo bíblico

Lc. 2:21-28 nos mostra que Jesus passou pelas primeiras cerimônias assim como qualquer outra criança. Mt. 15:32–39 detalha o cuidado e compaixão de Jesus para com as pessoas. Em Mt. 16:13–17 Jesus pergunta quem as pessoas dizem que Ele é. O chamado de Jesus aos pescadores para serem seus discípulos é mostrado em Mc. 1:16-18. Jesus explica em Lc. 12:6 e 7 que cinco pardais foram vendidos por duas moedinhas, mas Deus ainda se preocupa com eles e nós somos mais valiosos do que os pardais! Em Lc. 13:1-5 Jesus diz ao povo que as vítimas da queda da torre não eram mais pecadores que ninguém! Nós não devemos fazer distinção, porque Deus não faz (Tg. 2:1-9).

Comentários

Jesus não veio com show e esplendor, mas nasceu na família de um humilde carpinteiro. Da mesma forma, seus discípulos não vêm de classes mais altas, mas das baixas: dos pescadores, coletores de impostos e assim por diante. O registro bíblico nos

mostra que o “povo comum ouvia com prazer”. Jesus reconheceu a singularidade de cada indivíduo, e quis revelar a verdade de Deus a todos.

“Muitas vezes Jesus procurava pessoas consideradas comuns porque, não sendo autosuficientes, elas estavam dispostas a confiar em Deus completamente para alcançar sucesso”. (Lição de segunda-feira). O perigo de ter uma posição na sociedade, ou educação superior, ou riqueza, é que podemos nos sentir “acima” das necessidades comuns. Mas, na realidade, todos nós precisamos da salvação que cura, que apenas Deus pode conceder.

Além disso, Jesus usou a linguagem comum para as pessoas comuns. Ele usou histórias e ilustrações que eles estavam familiarizados. Ele não recorreu a termos teológicos e nem falou algo que eles não fossem entender. Isso é algo que precisa ser lembrado, pois o perigo é fazer com que as pessoas se confundam, de modo que a boa notícia da salvação de Deus não seja facilmente entendida: “O que receio, é que assim... a mente de vocês seja corrompida e se desvie da sua sincera e pura devoção a Cristo” 2 Corinthians 11:3 (NIV).

Assim, como os discípulos de Jesus, por que não tentar tornar mais simples? Quando Jesus falou, o consenso foi que: “Ninguém jamais falou da maneira como esse homem fala” Jo. 7:46 (NIV). Ele usou termos simples e ilustrações familiares para falar as coisas profundas de Deus. Conversando com Nicodemos, Jesus não disse: “Exceto pela condição da sua aceitação aos conceitos reformacionistas da justificação forense e justificação substitutiva, você não poderá ver o reino de Deus”. Não. Ele disse “A menos que nasças novamente...” Simples, e ainda sim muito profundo.

Então, ao invés de dizer “justificar” com suas conotações legais em grande quantidade, por que não usar “corrigir”? Ao invés de “santificar”, por que não usar “manter-se correto”? Transformar essas palavras em termos técnicos destrói a vitalidade; faz com que percam a capacidade de nos impactar. Você pode resumir a salvação de Deus em palavras de uma sílaba:

“Jesus morreu e ressuscitou para nos mostrar como Deus é, e nos colocar no caminho certo e nos manter no caminho certo com Deus. Desta forma, Ele nos ganha de volta para amar e confiar nEle. E no final Ele vai salvar todos aqueles que têm demonstrado confiança nEle”. Isso parece muito simples? E é simples. A prática pode ser difícil, e nos faz ficar no caminho daquilo que Deus quer fazer por nós e em nós. Mas a verdade é tão clara e fácil de entender. Por que fazer com que seja difícil?

Comentários de Ellen White

Quando Cristo veio para falar as palavras de vida, o povo comum O ouvia alegremente; e muitos, mesmo dos sacerdotes e príncipes, creram nEle. Mas os principais do sacerdócio e os primeiros homens da nação estavam decididos a condenar e repudiar-Lhe os ensinamentos. Fossem embora frustrados todos os seus esforços para encontrar acusações contra Ele, e sem mesmo poder fugir à influência do poder e sabedoria divinos, que acompanhavam Suas palavras, encerraram-se, todavia, no preconceito; rejeitaram a mais clara evidência de Seu caráter messiânico, receosos de que fossem constrangidos a se tornarem Seus discípulos. Estes oponentes de Jesus eram homens que o povo desde a infância fora ensinado a reverenciar, a cuja autoridade se havia acostumado implicitamente a curvar-se. “Como é”, perguntavam, “que nossos príncipes e doutos escribas não creem em Jesus? Não O receberiam estes homens pios se Ele fosse o

Cristo?” Foi a influência desses ensinadores que levou a nação judaica a rejeitar seu Redentor. {O Grande Conflito, p. 595}

Toda a verdade dada ao mundo por meio de patriarcas e profetas resplandeceu com nova beleza nas palavras de Cristo. Mas os escribas e fariseus não tinham nenhum desejo quanto ao precioso vinho novo. Enquanto não se esvaziassem das velhas tradições, costumes e práticas, não tinham, na mente e no coração, lugar para os ensinamentos de Cristo. Apegavam-se às formas mortas, e desviavam-se da verdade viva e do poder de Deus. {O Desejado de Todas as Nações, p. 190}

Preparado em 9 de Junho de 2013 © Jonathan Gallagher 2013